

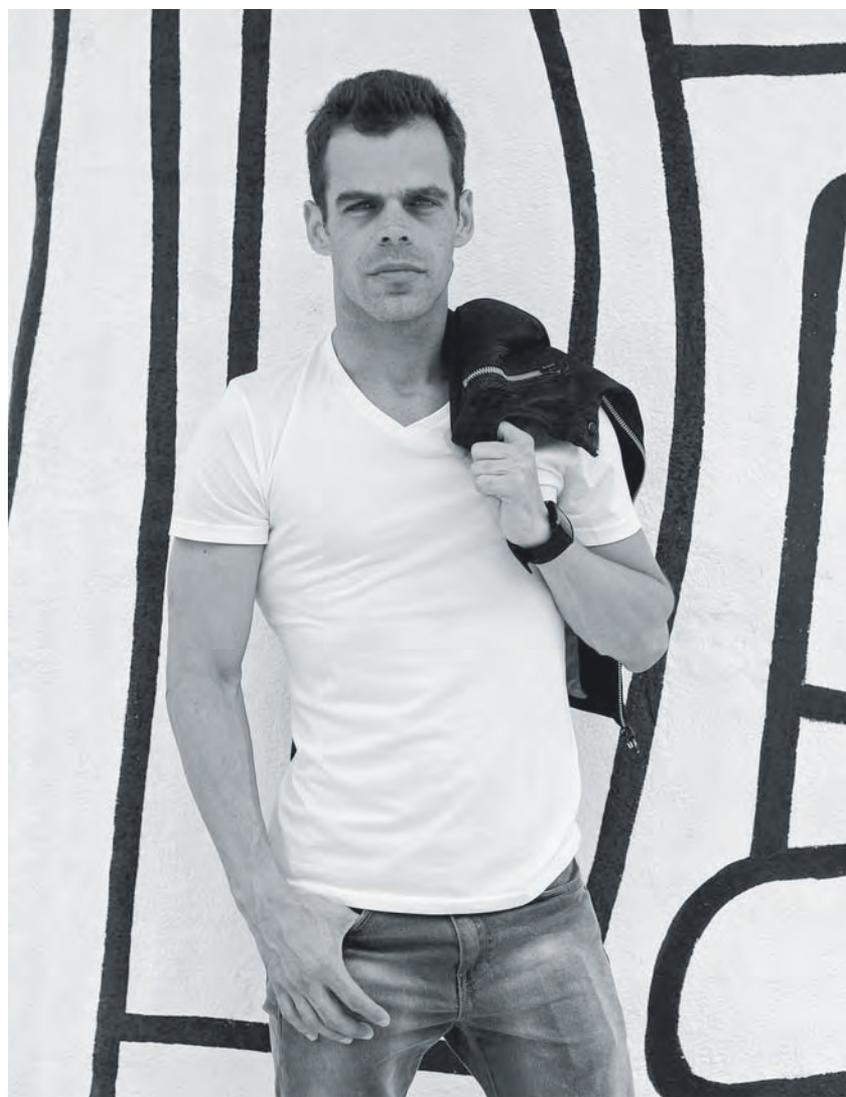
MIGUEL GULLANDER / Amanhã não há esperança

Não se trata de sentença pessimista, bem pelo contrário. O escritor luso-sueco Miguel Gullander diz-nos é que não há tempo a perder. **Carolina Pelicano Falcão** conversou com o autor de “Através da Chuva” para perceber esta e outras ideias

Para começar, há que introduzir o tema-chave: criptozoologia. Ou o ramo da ciência que mistura o oculto com o estudo dos animais, sejam lendários, sejam mitológicos ou avistados por apenas algumas pessoas. A partir daqui encontramos Herr Svart, criptozoólogo sueco que, depois de ter passado grande parte da sua vida em coma, quando desperta, embarca numa missão peculiar: ruma de Estocolmo a Angola para encontrar uma palanca negra, criatura a entrar no catálogo desta rara ciência. Na verdade este é apenas um resumo de “Através da Chuva”. Sigamos as palavras de Miguel Gullander, escritor luso-sueco de 39 anos, que escapou uns dias da Namíbia, onde vive, para vir apresentar o novo romance a Portugal.

“Quando tive o meu primeiro ataque de malária, em Benguela, fiquei convencido de que tinha feito um avistamento de algo muito especial na baía Azul. Como afinal não tinha visto nada, fiquei com uma insuportável semente de desconhecimento dentro de mim. Decidi então que tinha de procurar fazer um avistamento importante”, explica Miguel, acrescentando que “tudo é uma questão de fé”. A procura das tais palancas negras é então feita em “Através da Chuva”, uma espécie de grito do Ipiranga disposto a furar os tímpanos profundos da vida humana, ou, no caso específico de Herr Svart, é um retorno do coma. “Um coma, um cancro, um acidente terrível, a morte de alguém que amamos são despertares grandes e profundos. Quando se acorda de uma coisa assim já não há espaço nem tempo para mais palhaçada, temos de ir direitos à jugular daquilo que nos importa na vida.”

O coma de Herr Svart é, em última análise e na proposta do escritor, de todos nós. E Miguel Gullander afirma-o quando nos explica o porquê de relacionar esse estado de ausência com o peculiar desejo de encontrar uma palanca negra. “A esperança deve ser a primeira coisa a morrer na nossa vida. Acredito e gosto disso. Vivo sem esperança no amanhã e isso dá-me uma tremenda força e raiva e fúria contra o desperdício do hoje. É a esperança de que o amanhã será



melhor que faz com que as pessoas não se indignem com o que lhes fazem hoje.”

Percorrendo as páginas de “Através da Chuva”, o leitor é interceptado por estas ideias. Na demanda do seu desejado avistamento, o nosso criptozoólogo acaba por visitar tudo aquilo que, por tanto tempo, o afastou da revelação, a mesma de que Gullander nos fala a todo o tempo: “A grande força motriz da minha vida tem sido descobrir que quase tudo o que nos dizem que não conseguiremos alcançar, ou ver, ou não existe, afinal é só o medo que o nega. Existe, há mesmo algo para ser visto e experienciado lá, atra-

vés da chuva.”

Num jogo de sombras entre escritor, narrador, criptozoólogo e demais personagens, Miguel Gullander admite intersectar ficção e biografia. “Gosto da escrita de risco, em que escrevo o que vi, o que senti na carne. Às vezes fica-se sem um pedaço, em algumas situações leva-se uma sova ou fica-se com um parasita no fígado para sempre. Mas a literatura de que gosto mata e salva. Temos de arriscar a vida pelo que amamos.”

Filho de mãe sueca e pai português, há muito que África se tornou a casa de Miguel Gullander, que, confessa, sabia que “tinha



**ATRÁVÉS
DA CHUVA**

Miguel Gullander
(D. Quixote)
16,90€

Aos cinco anos, Miguel Gullander conta ter escrito a sua primeira história. “A Balada do Marinheiro de Estrada” e “Perdido de Volta” são os romances que antecedem “Através da Chuva”

ANTÓNIO PEDRO SANTOS

de lá ir desde pequeno”. “Estava convencido de que tinha sido africano na encarnação anterior e precisava de lá voltar.” Desde 2001, como professor de Língua Portuguesa do Instituto Camões, Miguel tem percorrido Cabo Verde, Moçambique, Angola, África do Sul e, agora, Namíbia. “Já não acredito que sou a reencarnação de algum angolano ou cabo-verdiano, mas que o nosso inconsciente colectivo está irremediavelmente ligado a esses povos, isso está. E temos uma responsabilidade enorme de partilhar o destino deles. Há um karma muito pesado a resolver também. E filhos a fazer ainda. Gosto de misturas.”